<código aberto>

ESTUDO ESPECIAL

A máquina da desestabilização

Como uma rede transnacional de extrema direita, mídia militante, big techs e interesses privados tenta pressionar a democracia brasileira

Um estudo do Código Aberto por Reynaldo Aragon

40 slides | versão editorial final



O que este dossiê demonstra

Tese central

Há uma rede transnacional de pressão política, midiática e digital atuando para deslegitimar o resultado eleitoral brasileiro.

Essa rede articula Estado, capital, influenciadores, plataformas e operadores locais.



Dois planos simultâneos

Plano 1: mapeamento da ofensiva de desestabilização.

Plano 2: demonstração de que a vitória de Lula foi reconhecida internacionalmente e permanece legítima.

Regra do estudo

Fatos confirmados são separados de hipóteses e lacunas.

Onde a evidência ainda é parcial, o slide explicita o que está documentado e o que ainda precisa de prova.



Fontes-chave: TSE; OEA; Reuters; Axios; NetLab; Intercept; Código Aberto

Método, escopo e padrão de prova



A pesquisa cruza fontes oficiais, observação eleitoral, jornalismo investigativo, estudos de plataforma e materiais do Código Aberto.

O escopo cobre Estados Unidos, Brasil e circuitos internacionais conectados, com foco em 2026 e antecedentes relevantes.

A evidência é classificada em: documento oficial; investigação jornalística atribuída; inferência apoiada; ponto ainda em aberto.

A apresentação evita transformar proximidade política em acusação criminal sem lastro documental.

O resultado é um mapa operacional da rede, não um panfleto.

Fontes-chave: TSE; OEA; Reuters; Intercept; NetLab; Código Aberto

<código aberto>

MAPA GERAL

A rede em um olhar

Cluster estatal

Casa Branca/Departamento de Estado; operadores diplomáticos; Congresso; USTR.

Função: pressão política, diplomática e comercial.

Cluster de capital

Peter Thiel; Rockbridge; lobby; setores de tecnologia, defesa, energia e dados.

Função: financiamento, influência e infraestrutura.

Cluster de mídia

Bannon, podcasts, portais, replicadores e circuitos editoriais transnacionais.

Função: produzir e escalar narrativas de fraude, censura e caos.

Cluster de plataforma

Meta, X, YouTube, mensageria, publicidade e algoritmos.

Função: amplificação, segmentação e monetização.



Cluster brasileiro

Família Bolsonaro, operadores locais, empresários, comentaristas e tradutores da pauta estrangeira.

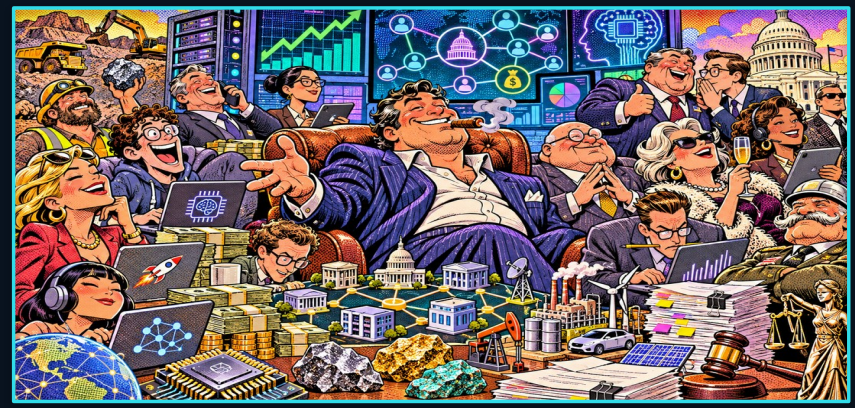
Função: territorializar a ofensiva e retroalimentá-la.

Fontes-chave: Reuters; Axios; Intercept; NetLab; TSE

CRONOLOGIA

Linha do tempo da crise





Mar–jul/2026

CPAC e circuitos internacionais intensificam contato com bolsonaristas.

Vídeos de apoio de lideranças estrangeiras entram na disputa brasileira.

Ago–out/2026

Crescem publicidade irregular, campanhas multiplataforma e narrativas de fraude/censura.

Investigação americana e disputa regulatória sobre plataformas elevam a pressão.

24–31 out/2026

Reuters revela pressões dentro do governo dos EUA; influenciadores MAGA atacam o resultado; Flávio vai aos EUA.

O contraste se impõe: ofensiva de deslegitimação de um lado, reconhecimento internacional de outro.





Fontes-chave: Reuters 24/10 e 31/10; Axios 26/10; NetLab 15/10; TSE 26–29/10

O que está em jogo



Democracia

A disputa não é apenas eleitoral: envolve a credibilidade de urnas, instituições e observação internacional.

Soberania

Regulação digital, comércio, sanções e pressão diplomática são usados como vetores para condicionar decisões brasileiras.



Narrativa global

A eleição brasileira é incorporada ao debate eleitoral americano e à guerra informacional transnacional.

Interesses materiais

Minerais críticos, energia, tecnologia, defesa, dados e plataformas atravessam a disputa.





Fontes-chave: TSE; OEA; USTR; Reuters; Código Aberto

A vitória de Lula foi legítima

O TSE proclamou a reeleição de Lula com dados oficiais, totalização auditável e boletins de urna disponíveis.

A observação eleitoral nacional e internacional não demonstrou fraude sistêmica capaz de alterar o resultado.

As missões internacionais reforçaram a transparência do processo e do segundo turno.

Questionamentos políticos sem prova não alteram o resultado jurídico nem o fato eleitoral.

Toda a ofensiva de deslegitimação parte, justamente, da incapacidade de demonstrar fraude.



Fontes-chave: TSE 26, 28 e 29/10; OEA 20 e 27/10

<código aberto>

LEGITIMIDADE

Reconhecimento internacional da vitória



Reconhecimento amplo

O painel do TSE registrou manifestações e saudações de 107 países e 9 organizações internacionais.

Observação externa

A OEA reconheceu a integridade do processo; missões internacionais acompanharam o segundo turno.



Diplomacia americana

Apesar do ruído político no ecossistema MAGA, a embaixada e canais institucionais dos EUA reconheceram o resultado.

Efeito político

A tentativa de produzir uma “eleição contestada” fracassa diante do reconhecimento formal internacional.



Fontes-chave: TSE 29/10; OEA 27/10; comunicações diplomáticas referidas no dossiê

Lula e o soft power global



A eleição reforça Lula como referência internacional de liderança democrática e capacidade de costura política.

O gesto do “L” foi globalizado como símbolo político e afetivo em parte do campo progressista internacional.

O reconhecimento externo amplia a margem de legitimidade do Brasil e enfraquece campanhas de isolamento.

Para a rede de desestabilização, Lula é um alvo central porque combina legitimidade popular, experiência e projeção global.

O contraste “Lula reconhecido” versus “extrema direita inconformada” é uma chave narrativa decisiva do estudo.

Fontes-chave: TSE; Código Aberto; repercussão diplomática e midiática compilada no dossiê

EIXO WASHINGTON

Núcleo dos EUA: quem é quem

Casa Branca / Trump

Centro político da escalada discursiva contra o resultado brasileiro.

Departamento de Estado

Nó institucional crítico; abriga quadros e canais diplomáticos citados nas apurações.

Rubio e aliados

Gestão do dano, linguagem diplomática e disputa pública sobre responsabilidades.

Beattie e Pita

Nomes associados por reportagem a iniciativas para favorecer a família Bolsonaro.



Congresso / USTR

Canalizam pressão comercial, investigação e linguagem de retaliação sobre o Brasil.

Fontes-chave: Reuters 24/10 e 31/10; USTR 01/06 e 15/07

Trump, Rubio e o eixo estatal

A apuração da Reuters descreveu pressões dentro do governo americano para favorecer a volta do clã Bolsonaro ao poder.

Trump questionou o resultado e autorizou a permanência de Flávio nos EUA, segundo a reportagem de 31 de outubro.

Rubio negou organização governamental direta da logística de saída, o que não elimina a dimensão política do episódio.

A combinação de ruído público e linguagem institucional compõe o coração do cluster estatal norte-americano.

O caso mostra como uma disputa brasileira é reprocessada como tema de política doméstica dos EUA.



Fontes-chave: Reuters 24/10 e 31/10

Darren Beattie e Ricardo Pita



A Reuters identificou Beattie como ator ligado ao Departamento de Estado associado à campanha para recolocar os Bolsonaro no poder.

A mesma investigação apontou Ricardo Pita como outro nome relevante no circuito estatal citado.

O slide não atribui crime: registra o que foi publicado e delimita a necessidade de novos documentos, mensagens e agendas.

A relevância dos dois está no ponto de contato entre aparelho de Estado, operadores políticos e narrativa eleitoral.

Eles funcionam como ponte entre a máquina governamental e uma estratégia maior de pressão.

Trump Jr., Eduardo Bolsonaro e o circuito CPAC

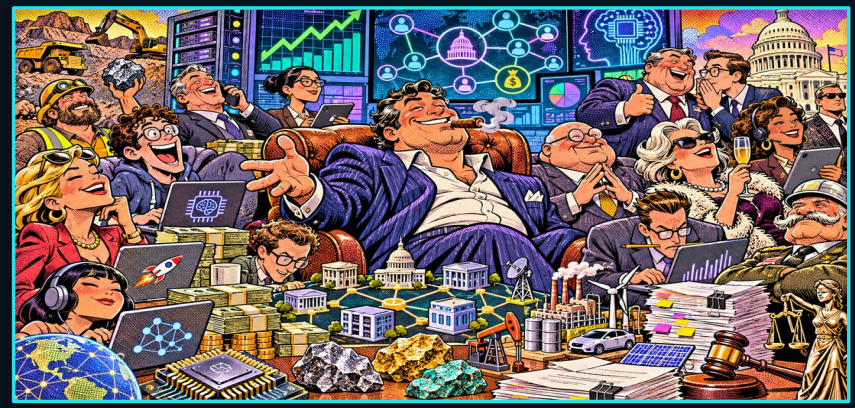


Família Trump

Donald Trump Jr. atua como amplificador e legitimador de ecossistemas conservadores internacionais próximos ao MAGA.

Eduardo Bolsonaro

A própria CPAC o apresenta como organizador da CPAC Brasil e participante frequente do circuito americano.



CPAC

Funciona como feira política, circuito de alianças, vitrine de lideranças e ecossistema de recrutamento narrativo.

The Movement e afins

Redes transnacionais conservadoras dão moldura ideológica e operacional para a convergência internacional.





Fontes-chave: CPAC 17/03/2026; rastros públicos do ecossistema conservador

Steve Bannon e o ecossistema MAGA

Bannon usou o War Room para defender pressão dos EUA sobre o Brasil após a derrota de Flávio, segundo a Axios.

O ecossistema MAGA mobilizou podcasts, perfis, transmissões ao vivo, cortes de vídeo e posts em série para questionar o pleito.

Benny Johnson, Jack Posobiec, Andrew Kolvet e outros replicadores compõem uma malha de alto alcance.

Bannon não é governo formalmente, mas influencia o imaginário, a agenda e a retórica do campo trumpista.

Sua função é converter fatos dispersos em uma narrativa política coesa para consumo militante.



Fontes-chave: Axios 26/10/2026

Flávio nos EUA: abrigo, crise e sinais políticos

Ponto confirmado

Flávio recebeu autorização para permanecer nos EUA, em um gesto de enorme peso político.

Disputa de versões

Autoridades americanas negaram organização direta da saída, mas intermediários e contatos foram citados em reportagem.



Leitura estratégica

O abrigo reforça a mensagem de que setores do poder americano mantêm tutela simbólica sobre o bolsonarismo.

O que falta

Cronologia completa, documentos migratórios, interlocutores e cadeia decisória.



Fontes-chave: Reuters 31/10/2026

Síntese do cluster norte-americano



Objetivo político

Deslegitimar a vitória de Lula e manter viva a hipótese de reversão, crise ou pressão permanente.

Ferramentas

Diplomacia, mídia, plataformas, abrigo político, lobby, comércio e opinião pública conservadora.



Força do cluster

Capacidade de sincronizar Estado, capital e comunicação.

Fraqueza do cluster

Ausência de prova de fraude e dificuldade de converter narrativa em fato jurídico.



Peter Thiel, J.D. Vance e a Rockbridge

Thiel aparece no dossiê como figura central pela convergência entre capital de risco, tecnologia, defesa e política conservadora.

J.D. Vance e Chris Buskirk integram o universo político da Rockbridge, citado como infraestrutura de poder conservador.

A importância do cluster está na capacidade de conectar dinheiro, rede empresarial, agenda tecnológica e influência pública.

O slide distingue o comprovado do especulativo: há documentação de rede e projeto político; não há prova pública de toda hipótese operacional brasileira.

Na prática, é um núcleo de alta capacidade estratégica.



Fontes-chave: Intercept 29 e 30/09/2026

Rockbridge Brazil LLC e intermediários

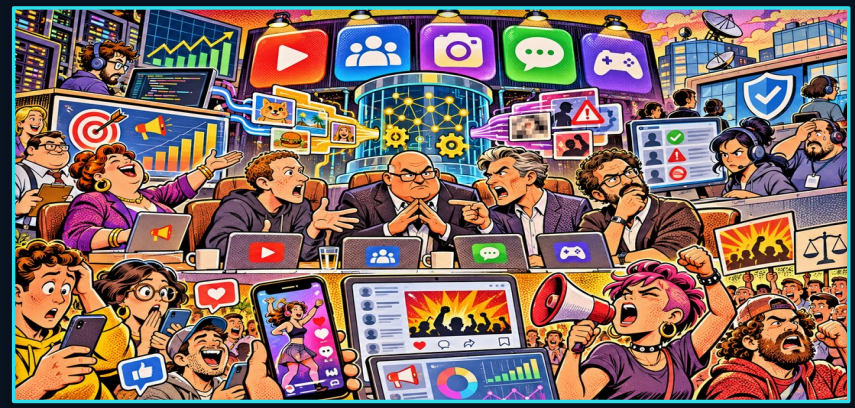


Registro societário

O Intercept localizou a constituição da Rockbridge Brazil LLC em Wyoming.

Intermediários

Chris Applegate, Chris Buskirk, Pedro Sang e Tallis Gomes aparecem nos materiais da investigação.



Conselho de tecnologia

Os documentos reportados indicaram a proposta de um conselho ligado à candidatura de Flávio.

Cautela analítica

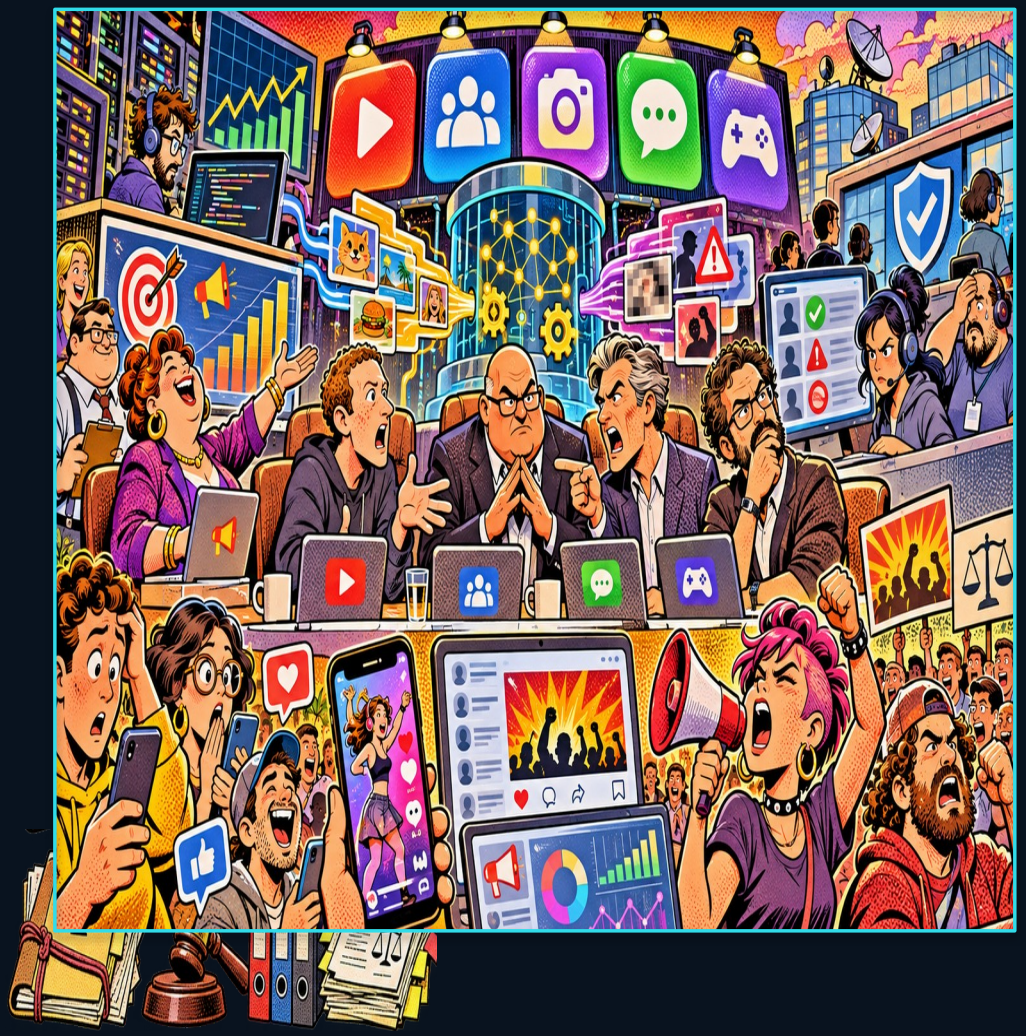
Registro empresarial e conversas provam articulação; não provam automaticamente execução integral do plano.





Fontes-chave: Intercept 29 e 30/09/2026

Lobby, financiamento e trilhas documentais



É preciso separar atividade legal de lobby, financiamento eleitoral irregular e eventual coordenação ilícita.

Os registros trimestrais, clientes, consultorias e reuniões são a primeira trilha concreta a ser aprofundada.

Pagamentos a firmas de lobby não equivalem por si só a prova de interferência eleitoral, mas ajudam a mapear interesse e acesso.

O dossiê recomenda cruzar registros de lobby, doações, agendas, empresas, viagens e correspondência.

Sem esse método, a análise se degrada em rumor.

Fontes-chave: Reuters; registros públicos de lobby; Intercept

Dinheiro, tecnologia e interesses estratégicos

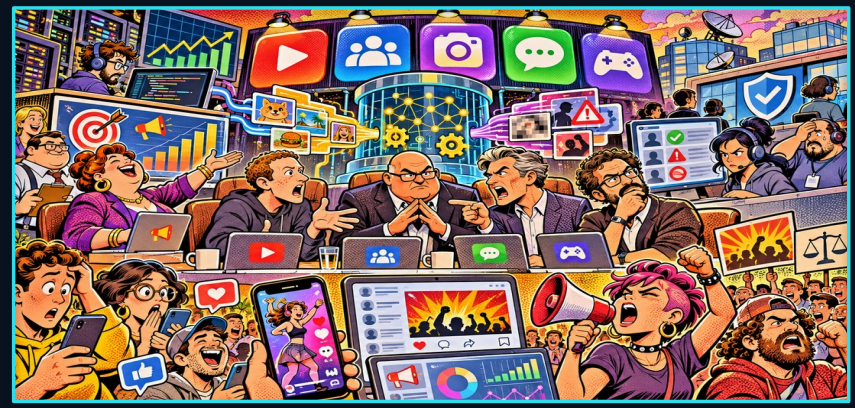


Setores em disputa

IA, dados, defesa, energia, minerais críticos, pagamentos e infraestrutura digital.

Racional estratégico

O Brasil é mercado, território regulatório e ator geopolítico: o alvo não é apenas a eleição, mas o modelo de soberania.



Tecnopolítica

A rede combina discurso de liberdade com interesse direto na arquitetura das plataformas e dos dados.

Resultado

A guerra informacional funciona como cobertura para disputa material mais profunda.



PLATAFORMAS

Big techs como terreno de disputa

Meta, X, YouTube e mensageria são terreno de circulação, monetização e segmentação das narrativas de desestabilização.

O ponto não é atribuir a uma única empresa toda a operação, mas entender como seus modelos de negócios favorecem escala e targeting.

A tensão com o Brasil cresce quando o país avança em moderação, transparência e capacidade regulatória.

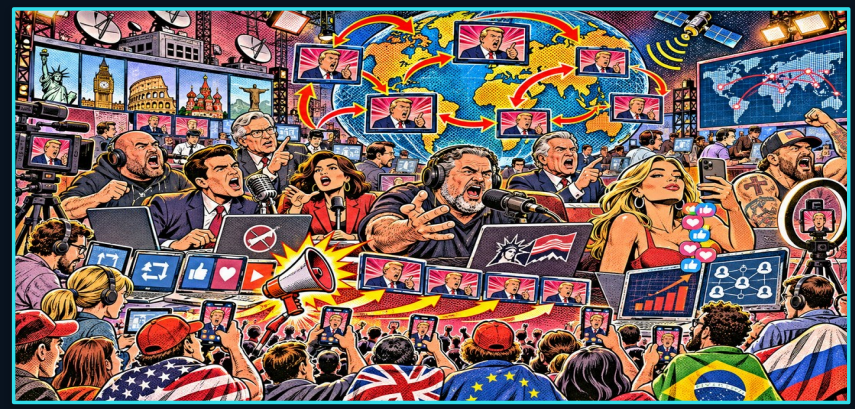
Nessa disputa, Alexandre de Moraes vira inimigo político das plataformas e da extrema direita internacional.

A plataforma não cria sozinha a rede, mas sem ela a rede perde velocidade e alcance.



Fontes-chave: MPF 21/10/2026; TSE 10/09/2026; USTR 2026; NetLab

NetLab: anúncios pagos do exterior



Escala documentada

O NetLab identificou 1.613 anúncios políticos pagos do exterior durante a campanha.

Concentração

171 milhões de impressões e 187 anunciantes; 98,1% deles nos EUA.

Monetização

O estudo sustenta que a Meta lucrou com anúncios irregulares promovidos por redes coordenadas.

Peso analítico

É uma das evidências mais robustas de internacionalização econômica da operação informacional.



Fontes-chave: NetLab 15/10/2026 e 21/10/2026

PLATAFORMAS

X, Meta, YouTube, Telegram: a circulação não cabe em uma rede



O X concentra elite política e aceleradores de pauta, mas não esgota a operação: a circulação passa também por vídeo, grupos fechados e publicidade.

Cada plataforma cumpre função distinta: acionar pauta, amplificar, segmentar, radicalizar, monetizar ou estabilizar comunidades.

Cortes de live, memes, clips, anúncios e replicação em portais ideológicos formam um circuito multiplataforma.

A leitura correta é ecossistêmica: uma narrativa nasce em um ponto, ganha corpo em outro e explode em vários ao mesmo tempo.

É por isso que o estudo recusa o reducionismo “é só o X”.

Fontes-chave: NetLab; TSE; mapeamentos de mídia do dossiê

<código aberto>

PLATAFORMAS

USTR, tarifas e o conflito sobre regulação

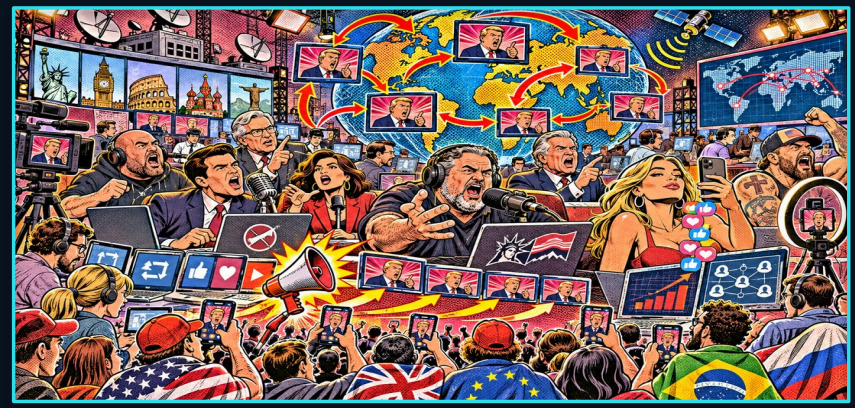


Investigação oficial

O USTR abriu e conduziu investigação sobre políticas brasileiras consideradas “não razoáveis” em comércio digital e outros temas.

Tarifa de 25%

A medida anunciada em 15/07/2026 elevou a pressão econômica sobre o Brasil.



Subtexto digital

Decisões judiciais e medidas brasileiras sobre plataformas aparecem como parte da disputa bilateral.

Leitura estratégica

Comércio, plataforma e geopolítica convergem: a regulação digital brasileira vira tema de poder global.



Fontes-chave: USTR 01/06/2026; USTR 15/07/2026

Argentina e Milei

Milei é ator importante do circuito de desestabilização, ainda que não necessariamente o centro absoluto do comando.

Sua relevância vem do alinhamento ideológico com o trumpismo, do peso regional e da função de ponte editorial e política.

A rede argentina inclui presença em campanhas narrativas, mídias de direita e conexões empresariais com investidores dos EUA.

No tabuleiro regional, a Argentina aparece como plataforma de exportação discursiva contra Lula e contra a esquerda brasileira.

Milei deve ser tratado como nó de alta relevância, não como único pivô.



Fontes-chave: Factchequeado 24/09 e 14/10/2026; Lupa 27/10/2026

Israel e Netanyahu

Apoio público

Netanyahu enviou apoio em vídeo à candidatura de Flávio; o gesto insere Israel no imaginário da campanha.

Tensão com Lula

A crítica brasileira ao genocídio em Gaza agravou o antagonismo político entre Lula e o governo israelense.

Peso simbólico

Israel oferece legitimação internacional a uma ala do bolsonarismo e reforça o eixo civilizacional da extrema direita.

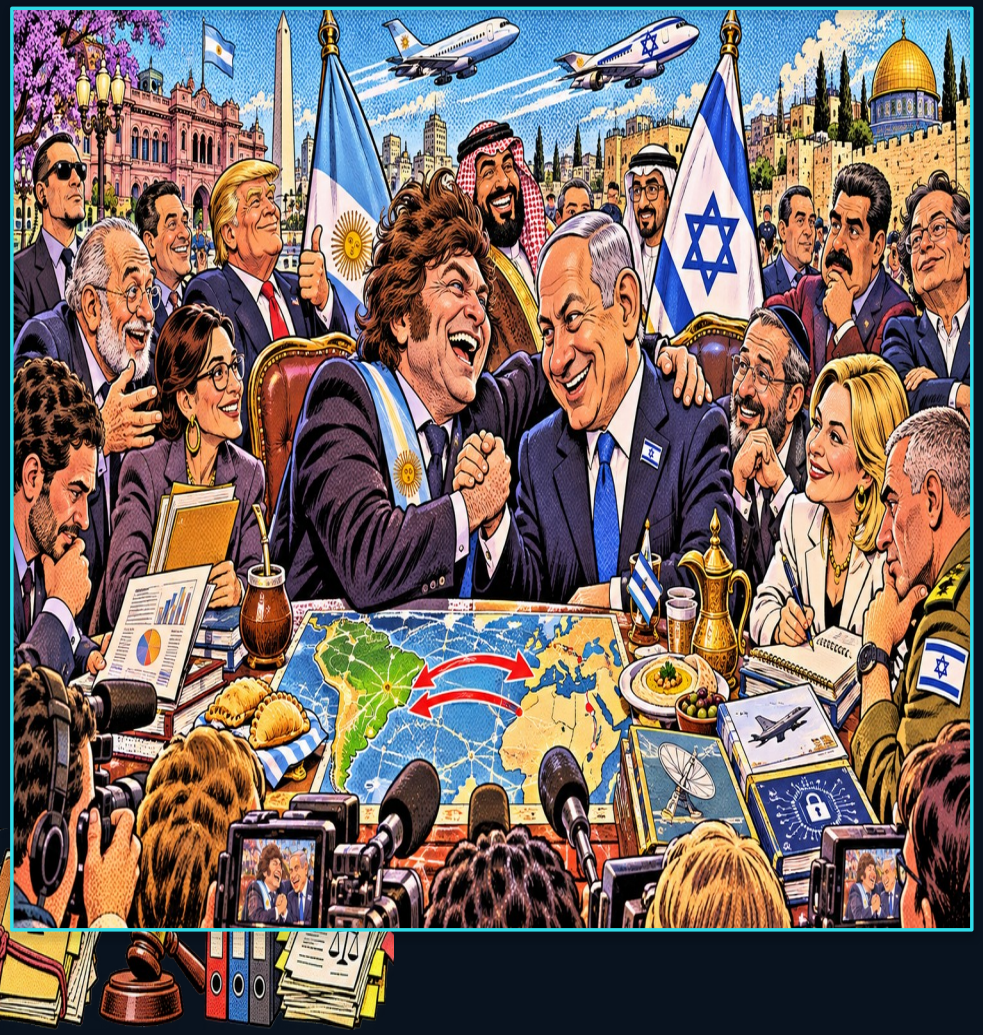
Cuidado analítico

A presença israelense no circuito não prova controle total, mas confirma alinhamento político de alto impacto.



Fontes-chave: CNN Brasil 25/07/2026; Gazeta do Povo 25/07/2026

Outros circuitos internacionais e afinidades



A operação interage com circuitos conservadores europeus, latino-americanos e de mídia hispânica que ajudam a traduzir e replicar conteúdos.

La Derecha Diario e Javier Negre aparecem como nós relevantes na interface Argentina–Espanha–América Latina.

Think tanks, eventos, empresários e plataformas funcionam como zonas de contato entre esses mundos.

O padrão é de internacionalização por afinidade ideológica e por oportunidade de negócio político-midiático.

A rede é policêntrica: não há um único quartel-general.

Fontes-chave: Factchequeado; Lupa; mapeamento do dossiê

Brasil reconhecido x rede de deslegitimação



Realidade institucional

Resultado reconhecido, observação internacional concluída e legitimidade externa consolidada.

Realidade paralela

Campanha aberta para convencer públicos de que a eleição foi fraudada ou ilegítima.



Chave do conflito

A desestabilização só funciona se conseguir corroer confiança antes de produzir qualquer fato novo.

Conclusão

A rede não venceu politicamente, mas segue ativa como máquina de desgaste permanente.



Mapa dos atores por função



Comando político

Trump, aliados de governo, bolsonarismo e parceiros internacionais.

Infraestrutura econômica

Thiel, Rockbridge, investidores, lobby e setores estratégicos.



Produção narrativa

Bannon, influenciadores, portais ideológicos, comentaristas e replicadores.

Infraestrutura técnica

Big techs, anúncios, algoritmos, analytics e mensageria.

Capilaridade local

Políticos, empresários, tradutores ideológicos, produtores de conteúdo e militância digital.



Fontes-chave: Síntese do dossiê

Mídia extremista transnacional

A mídia extremista funciona como indústria de enquadramento: seleciona fatos, dramatiza episódios e estabiliza crenças.

Seu modelo combina carisma de apresentadores, indignação contínua, audiência fiel e monetização multiplataforma.

O Brasil entra nesse circuito como laboratório narrativo para debates sobre eleições, censura e soberania digital.

A repetição em diferentes idiomas e formatos transforma boatos em percepção de consenso.

Por isso, mapear a mídia é tão importante quanto mapear o Estado ou o dinheiro.



Fontes-chave: Axios; Factchequeado; Lupa; observação do dossiê

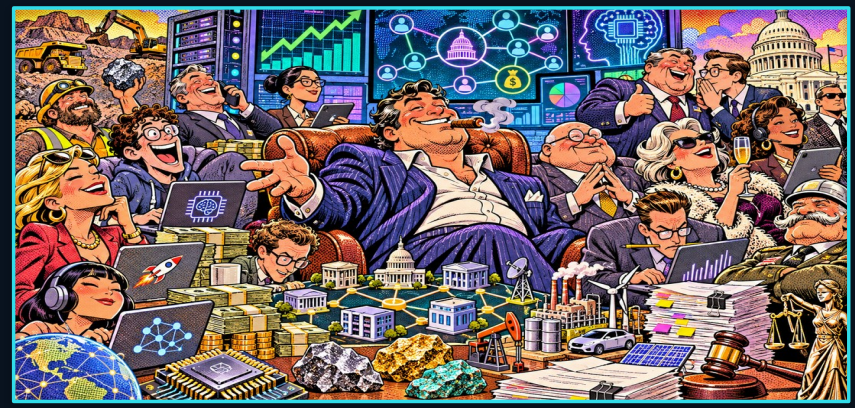
La Derecha Diario, Javier Negre e replicadores

Rede editorial

Factchequeado e Lupa descreveram uma rede editorial transnacional com 11 edições nacionais.

Conteúdo repetido

Foram identificadas centenas de mensagens idênticas e forte edição “em série”.



Efeito

A narrativa de fraude e ataques racistas circulou com velocidade e coordenação.

Papel na rede

Serve de ponte entre esfera hispânica, bolsonarismo e ecossistemas MAGA.



Fontes-chave: Factchequeado 24/09 e 14/10/2026; Lupa 27/10/2026

Influenciadores, podcasts e lives



Os influenciadores transformam linguagem política em entretenimento, confiança pessoal e hábito diário.

Podcasts e lives permitem narrativa longa, criação de comunidade e fabricação de eventos com baixa mediação.

Clipes e cortes reduzem o custo de replicação e facilitam a circulação em outras plataformas.

A arquitetura do ecossistema depende menos de um “grande jornal” e mais de milhares de pontos de reenvio confiável.

É a forma organizacional ideal para guerra psicológica de baixa intensidade e alta repetição.

Fontes-chave: Axios; NetLab; observação do dossiê

Operadores brasileiros e ponte com os EUA

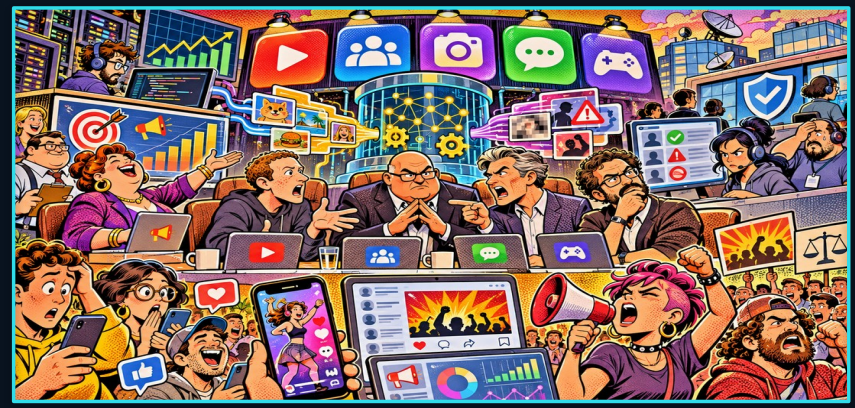


Família Bolsonaro

É o elo político mais evidente entre a extrema direita brasileira e o ecossistema MAGA.

Empresários e articuladores

Aparecem como pontes entre capital, eventos, tecnologia e campanha.



Tradutores narrativos

Comentaristas, sites, youtubers e operadores brasileiros adaptam a pauta externa ao mercado local.

Função estratégica

Sem essa ponte nacional, a campanha internacional teria menos aderência social e midiática.





Fontes-chave: Reuters; CPAC; Intercept; mapeamento do dossiê

Narrativas centrais da campanha de desestabilização



Fraude eleitoral

Tenta deslocar derrota política para suspeita técnica sem prova.

Censura / perseguição

Transforma moderação e decisões judiciais em martirológio político.



Brasil fora do eixo

Vende a ideia de um país hostil aos EUA, ao “Ocidente” e à liberdade econômica.

Crise permanente

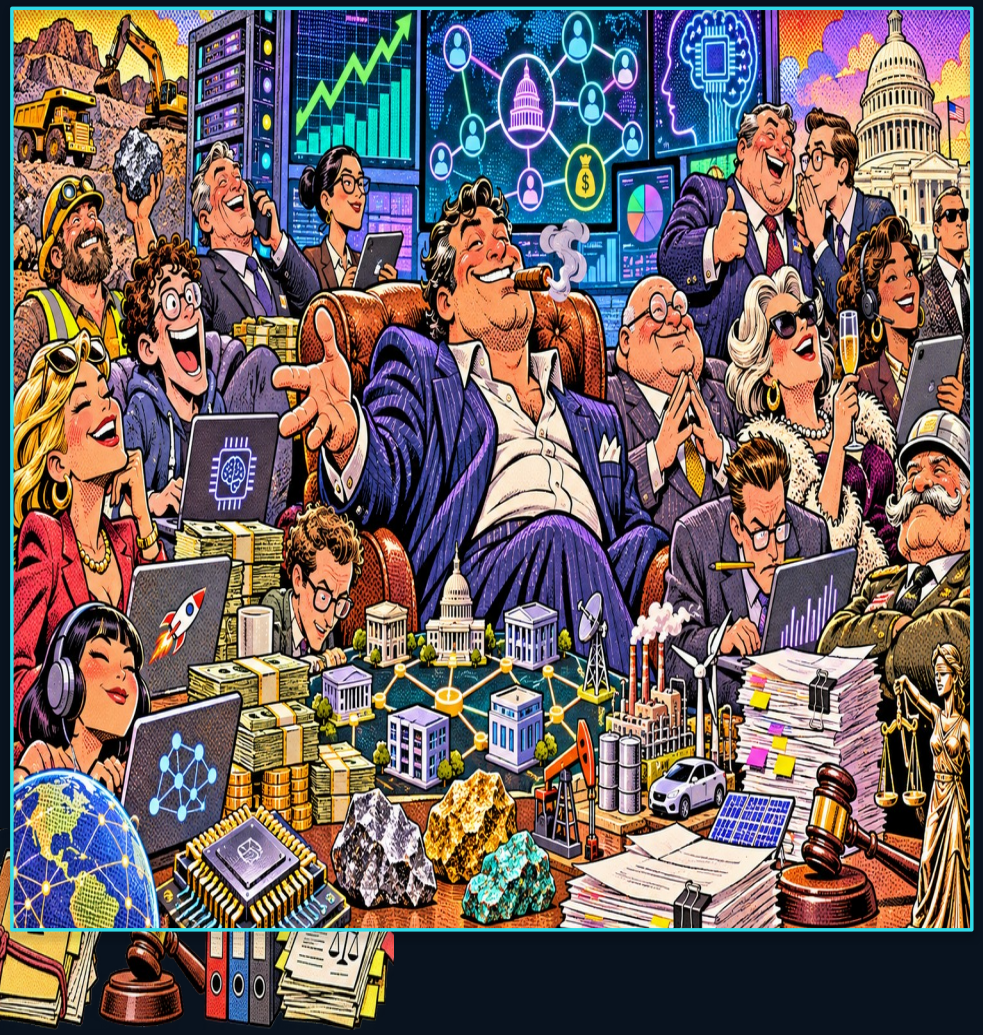
Busca convencer públicos de que o novo governo nasce ilegítimo e condenado ao caos.





Fontes-chave: Axios; portais mapeados; peças narrativas compiladas

Como a operação circula entre redes e mídia



1) Um influenciador ou portal produz o gatilho narrativo.

2) Replicadores em X, vídeo, grupos e sites ideológicos convertem o gatilho em tendência.

3) Anúncios pagos, impulsionamentos e algoritmos ampliam o alcance.

4) A narrativa volta à política institucional como pressão “popular” ou “internacional”.

5) A cada novo ciclo, a crença se consolida mesmo sem prova adicional.

Fontes-chave: NetLab; Factchequeado; Lupa; observação do dossiê

O que está comprovado



Comprovado 1

Lula venceu e foi reconhecido formalmente no Brasil e no exterior.

Comprovado 2

Houve mobilização aberta do ecossistema MAGA e de redes associadas para atacar a legitimidade do pleito.



Comprovado 3

A publicidade política paga do exterior alcançou escala relevante, especialmente via Meta.

Comprovado 4

Existem documentos e investigações sobre Rockbridge, contatos políticos e pressão estatal americana.



O que é indício forte e o que segue em aberto

Indício forte: coordenação entre atores políticos, midiáticos e econômicos em torno da deslegitimação do Brasil.

Indício forte: conexão entre disputa regulatória sobre plataformas e pressão diplomático-comercial contra o país.

Em aberto: cadeia completa de comando, financiamento oculto, logística detalhada de certos episódios e extensão da coordenação estatal.

Em aberto: papéis exatos de todos os empresários e operadores citados, inclusive bastidores ainda não documentados.

Conclusão: o desenho geral é claro; alguns mecanismos finos ainda requerem apuração.



Fontes-chave: Síntese do dossiê

Como seguir apurando



Trilhas documentais

Lobby, migração, agendas, contratos, registros empresariais, anúncios e doações.

Trilhas digitais

Análise de propagação, clusters de contas, traduções, timing e compra de mídia.



Trilhas políticas

Ciclos de viagem, reuniões, eventos internacionais e circuitos editoriais.

Trilhas judiciais

Pedidos de informação, cooperação internacional, ações civis e transparência de plataformas.





Fontes-chave: Metodologia do dossiê

Conclusão estratégica

1. O Brasil venceu

O resultado eleitoral é legítimo e internacionalmente reconhecido.

2. A rede existe

Há uma máquina internacional e nacional de desgaste atuando contra a soberania brasileira.



3. A disputa continua

A ofensiva não termina na eleição; ela se desloca para mídia, plataformas, comércio e pressão diplomática.

4. Resposta necessária

Mais transparência, regulação, capacidade investigativa e comunicação pública consistente.



Fontes-chave: Síntese geral do estudo

PIX E CONTATO

Apoie o Código Aberto

Fortaleça o jornalismo investigativo e a pesquisa estratégica do Código Aberto.

Se este estudo ajuda a sociedade a entender a guerra informacional contra o Brasil, fortaleça o nosso trabalho jornalístico e investigativo.

PIX do Código Aberto:
codigoaberto.net@gmail.com

PIX: codigoaberto.net@gmail.com



Obrigado pelo apoio.

